

TENDÊNCIAS / Inflação

# Mercado espera novo ministro

Enquanto nome não sai, preços públicos, medo e expectativa de taxas altas empurram índices

ROLF KUNTZ

A inflação já passa dos 55% ao mês, continua acelerada e não deverá arrefecer até o início do próximo governo, se nenhum grande acontêncimento político surgir nas próximas semanas. Esse acontecimento poderá ser a indicação do futuro ministro da Economia ou da Fazenda — mas a reação dos mercados, para bem ou para mal, dependerá do nome e do estilo de política a ele associado!

Pelo menos três forças empurram o custo de vida para cima

com rapidez:

os ajustes de preços e tarifas dependentes do governo — eletricidade, combustíveis, trigo e aço são alguns dos itens mais importantes —, a própria expectativa de inflação cada vez mais alta e o temor de um choque de estabilização. Esses fatores já se refletiram no aumento de custo de vida (58,5%), apurado em São Paulo pela Fundação Instituto de Pes-

quisas Econômicas (Fipe/USP), como indicou esta semana seu diretor e economista Juarez Rizzieri, e seus efeitos estão longe de esgotar-se. Os mais recentes aumentos de preços oficialmente controlados ainda aparecerão nos índices de inflação nas próximas semanas e já estão programados novos ajustes. O ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, anunciou a disposição de entregar o cargo a seu sucessor com os preços do setor público razoavelmente em dia. Isso poupará ao futuro presidente algumas medidas impopulares, mas ao custo de um agravamento imediato da inflação.

A expectativa de preços em elevação cada vez mais rápida está refletida nas negociações de juros e de prazos entre empresas.

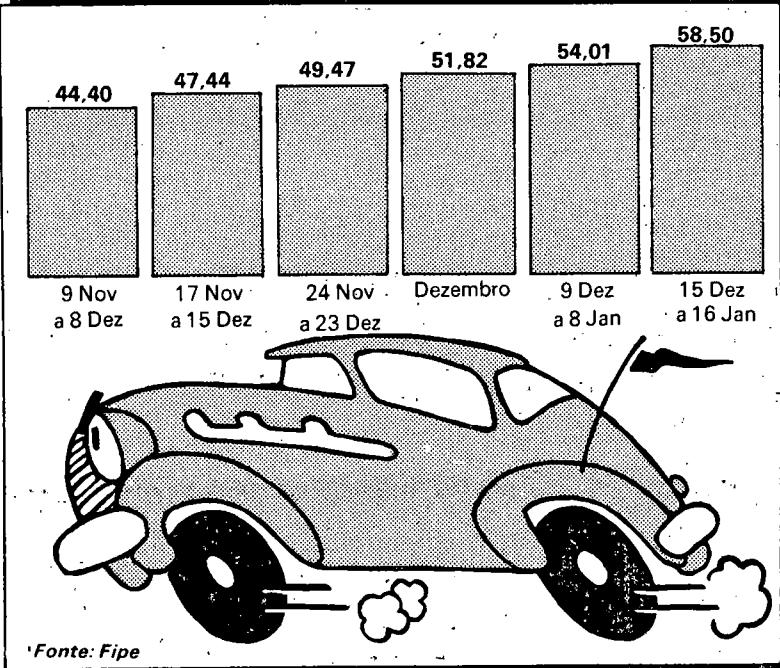
A regra fixada pelo Ministério da Fazenda — prazos iguais aos de dezembro e juros máximos de 60% ao mês — vem sendo considerada uma insuportável camisa de força por muitos empresários e sugestões de mudança já partiram da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). O comportamento relativamente favorável do mercado consumidor, até agora, tem facilitado o repasse dos custos financeiros pelos vendedores finais. Alguns empresários, no entanto, poderão micar com mercadorias invendáveis, por causa de seus custos, se o consumo retrair-se nos próximos meses em consequência de um sério corte dos gastos públicos. A percepção desse risco pode produzir duas consequências: redução das encomendas e

exigência mais firme de prazos e juros mais razoáveis nas negociações com fornecedores. A diminuição de encomendas ainda atinge poucas indústrias.

A expectativa de um mercado interno mais fraco também deve servir de estímulo à exportação — apesar do desajuste cambial apontado por empresários de todos os setores. Se for indispensável exportar, então o melhor é começar desde logo a garantir presença no mercado, comentam especialistas. Essa é uma tendência extremamente útil ao próximo presidente. Mas há risco de crise cambial e a Cacex está comprimindo as importações, com indicação, ainda informal, de uma abertura maior em fevereiro.

## Pé no acelerador

Custo de vida na cidade de São Paulo (variações mensais em %)



## Aumentos permitidos

Altas de preços controlados pelo governo, totais acumulados em janeiro até dia 25 (em %)

Combustíveis	99,64
Eletricidade	53,55
Leite C	122,02
Trigo	48,84
Farinha de trigo	54,61
Remédios	71,90
Aços especiais, ferro e níquel	48,71 a 71,80
Veículos	60,40
Cigarros	54,00